O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VI | Volume 17 | Nº 49 | Boa Vista | 2024

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.10465941

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

DE ESTUDANTES A EMPREENDEDORES: AS FORÇAS QUE MOLDAM A INTENÇÃO EMPREENDEDORA NA GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Luciano da Costa Barzotto[1]

Marcelo Roger Meneghatti[2]

Pang Lien Hsu[3]

Luis Miguel Zanin[4]

Resumo

Neste artigo, são aplicadas a Teoria do Comportamento Planejado e a Teoria dos Fatores Motivacionais para explorar o impacto dos elementos externos na intenção empreendedora. Como método foi realizada uma abordagem quantitativa, com tratamento de dados pela análise de modelagem de equações estruturais, tendo como amostra um total de 109 alunos de graduação do curso de Administração de uma universidade pública. Os dados obtidos revelam que tanto os elementos relacionados ao convívio e ambiente escolar quanto à série acadêmica do estudante exercem influência sobre os fatores subjacentes que moldam a intenção empreendedora dos alunos. Em termos de contribuição, esta pesquisa destaca que a formação da intenção empreendedora está associada aos construtos de atitude pessoal, forças motivacionais percepção de controle comportamental, com um viés de maiores percepções ligadas ao gênero masculino, evidenciando, assim, elementos cruciais para pesquisas futuras e uma compreensão mais aprofundada do comportamento e da intenção empreendedora, vinculados a estes fatores.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Fatores Externos; Teoria do Comportamento Planejado; Tomada de Decisão.

Abstract

In this article, the Theory of Planned Behavior and the Theory of Motivational Factors are applied to explore the impact of external elements on entrepreneurial intention. As a method, a quantitative approach was carried out, with data processing using structural equation modeling analysis, with a sample of a total of 109 undergraduate students from the Administration course at a public university. The data reveals that the elements related to the school environment and the student's academic grades influence the underlying factors shaping the students' entrepreneurial intention. In terms of contribution, this research highlights that the formation of entrepreneurial intention is associated with the constructs of personal attitude, motivational forces, and perception of behavioral control, with a bias of greater perceptions linked to the male gender, thus highlighting crucial elements for future research and a more in-depth understanding of entrepreneurial behavior and entrepreneurial intention, linked to these factors.

Keywords: Behavior Planning Theory; Decision Making; Entrepreneurship; External Factors.

[1] Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutor em Administração. E-mail: lcbarzotto@gmail.com

[2] Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutor em Administração. E-mail: frmeneghatti@hotmail.com

[3] Doutor em Administração pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). E-mail: panghu@hotmail.com

[4] Doutor em Administração pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). E-mail: oluis@gmail.com

INTRODUÇÃO

O tema empreendedorismo entre alunos de graduação tem se tornado uma preocupação das instituições de ensino superior. Em busca de ofertar conhecimento aplicado e geração de riqueza para os alunos, o tema tem se tornado uma ferramenta prática para transformar conhecimento teórico em realidades aplicáveis. Mas, para o empreendedorismo se tornar realidade efetiva entre alunos de graduação, alguns elementos precisam ser considerados, como: o comportamento e a motivação para empreender a partir de conhecimentos adquiridos em salas de aula.

Com as lentes do tema empreendedorismo e a aplicabilidade no meio acadêmico por alunos de graduação, surgem desafios como a promoção ou mensuração da intenção que os alunos tem em empreender. Tal intenção pode ser mobilizada nos alunos, por caminhos da própria motivação e formação de comportamento, mas, para que isso aconteça, os mesmos devem ser submetidos a processos de formação que possibilitem essa formação e intenção em empreender. Apesar de já ser bastante debatido o tema precisa ser tratado também com a visão, e opinião dos próprios alunos, que são submetidos a processos educacionais que geram possibilidades de empreender.

Investigar a intenção de empreender entre alunos de graduação colabora com planejamentos mais assertivos das instituições de ensino, principalmente no momento de ofertar formação afetiva para a prática de negócios. O curso de administração, apesar de ser direcionado para gestão de empreendimentos, pode não provocar no aluno a intenção de empreender, uma vez que o campo de trabalho para os formandos é amplo. Mas, o empreendedorismo pode e deve se configurar como uma possibilidade aos alunos, por isso, a intenção de empreender quando despertada de forma coerente, colabora com novas possibilidades de carreiras aos formados. Esses argumentos justificam as intenções desta pesquisa.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar em que medida os fatores externos impactam na intenção empreendedora que levam os indivíduos a tomar a decisão de empreender. Esta relação é assegurada na literatura pela Teoria Comportamento Planejado, que aponta fatores que podem influenciar na decisão dos pesquisados. Uma segunda argumentação teórica, que sustenta este estudo, é a afirmação de que existem fatores motivacionais que interferem na intenção empreendedora e estes podem ter inclinações relacionadas ao gênero.

Esta pesquisa foi realizada com alunos de graduação do curso de administração de uma universidade pública brasileira e teve como amostra um total de 109 respondentes. Os dados foram tratados quantitativamente por meio do software smartPLS e transcorreram análises de modelagem de equação estrutural, para demonstrar as relações pretendidas neste estudo.

O modelo utilizado, constituído do construto dependente da Intenção Empreendedora (IE), esse que é formado pelas variáveis dependentes das Atitudes Pessoais (AP), Normas Subjetivas (NE) e Percepção de controle de Comportamento (PC). Esse modelo foi proposto por Liñán e Chen (2009) e confirmado neste estudo para o contexto de alunos de graduação em administração. Os resultados obtidos indicam também que os fatores do convívio escolar e da série do aluno impactam nas variáveis latentes formadoras da intenção empreendedora dos alunos. Este foi o primeiro passo para explorar outros fatores que possam impactar na intenção de empreender nos alunos, e o que pode ser ainda feito pelas IES para intensificar a decisão de empreender.

Este texto está dividido em cinco seções, a começar por esta introdução. Em seguido o referencial teórico apresenta os temas empreendedorismo e intenção empreendedora, momento em que são apresentadas e argumentadas as hipóteses teóricas. A terceira seção é o método usado para o estudo, e por fim, são apresentados os resultados da pesquisa e conclusões da mesma.

EMPREENDEDORISMO

A importância do tema é discutida em várias áreas do conhecimento, e o conceito é aplicado não apenas a criação de novos negócios, mas também a maneira como os indivíduos se comportam dentro das organizações (BRUYAT; JULIEN, 2000; PINCHOT III, 1985). Isso significa que para tomar uma decisão de empreender o indivíduo não necessariamente tenha que abrir um negócio próprio. Mas, alguns autores ainda asseguram que empreender seja aprender um conjunto de atributos que levem a criação de um negócio (FILION, 1990; RAE, 1997; MARDIKANINGSIH, 2022; VALENCIA-ARIAS, ARANGO-BOTERO; SÁNCHEZ-TORRES, 2022).

Apesar de o empreendedorismo ter grande reconhecimento e importância como um gerador de renda e de desenvolvimento (MIRANDA *et al*., 2017; GE *et al.*, 2022; APARICIO *et al.*, 2022) e devido a isso ser alvo de muitos estudos, ainda existe necessidade de pesquisas científicas acerca deste tema (OZARALLI; RIVENBURGH, 2016). É preciso delimitar seu objeto de estudo, e melhorar a descrição do fenômeno, pois trata-se de um fenômeno bastante complexo e amplo (BRUYAT; JULIEN, 2000; LANDSTRÖM; HARIRCHI, 2018). Este estudo trabalha entendendo o conceito como algo dinâmico e capaz de melhorar as condições econômicas das regiões que nele investem (BLACKBURN, 2011; NDABENI, 2008).

Dentre os diversos elementos e transformações que fazem parte do fenômeno empreendedorismo, este trabalho foca, mais especificamente, na Intenção Empreendedora. O estudo da intenção é relevante, na medida em que se firma como um significativo preditor do comportamento

planejado (KRUEGER; REILLY; CARSRUD, 2000; YOUSSEF *et al.*, 2021), Assim, ao considerarmos o empreendedorismo como uma ação deliberada para encontrar e explorar oportunidades (SHANE; VENKATARAMAN, 2000; DIMOV, 2021), podemos considerá-lo igualmente como uma ação planejada (DING, 2019; BERNARDUS *et al.*, 2020). Além disso, dada a importância que empreendedorismo tem na sociedade como um elemento transformador e desenvolvedor da economia (SCHUMPETER, 1934; FERREIRA *et al.*, 2013; ENTRIALGO; IGLESIAS, 2016; SENHORAS, 2022), é importante estudar os antecedentes a este comportamento planejado.

A influência da educação sobre a intenção empreendedora já é objeto de estudo a algum tempo (LIÑÁN; RODRÍGUEZ-COHARD; RUEDA-CANTUCHE, 2011; CUI; BELL, 2022), inclusive no contexto brasileiro (BIRCHLER; TEIXEIRA, 2018; ROCHA *et al.*, 2023). No entanto, muitos destes estudos focam-se no contexto universitário (MORAES; IIZUKA; PEDRO, 2018), em comportamentos já presentes nos alunos sobre o a intenção empreendedora (PAIVA *et al.*, 2018) e na influência da educação e conhecimento empreendedor prévio dos alunos sobre a intenção empreendedora (KRÜGER; BÜRGER; MINELLO, 2019). No entanto, há poucos estudos que focam nas características demográficas sobre os antecedentes da intenção empreendedora (VASCONCELOS; OLIVEIRA MOTTA, 2022; LIAO; NGUYEN; CAPUTO, 2022). Dado as características brasileiras e a necessidade de políticas públicas, que afetarão estas características, este tema se mostra pertinente.

O empreendedorismo vem sendo usado como ferramenta de desenvolvimento econômico por muitos países, pela sua facilidade em distribuição de renda. Mas definir este conceito pode estar além de fatores que o levam a servir como uma ferramenta. É entendido como um processo de criação de algo novo em que o valor pode estar no tempo e esforço que a atividade exige, e para isso é necessário assumir riscos sociais, psíquicos e financeiros, visando resultados que incluem a satisfação pessoal (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2017). Esta definição quando analisada juntamente com atributos que a antecedem podem estimular ou não a decisão empreendedora.

Empreendedorismo precisa ser entendido como um conceito dinâmico (BLACKBURN, 2011; LANDSTRÖM; HARIRCHI, 2018). Isso justifica uma série de estudos que avaliam o conceito como um movimento causado pelo fenômeno de empreender e pelas pesquisas sobre o tema (HJORTH; STEYAERT, 2004). Empreendedorismo é assim entendido pela sua potencialidade de gerar renda e minimizar a pobreza (NDABENI, 2008; HALIZAH, 2022), por isso já foi considerado como uma revolução silenciosa (TIMMONS, 1990).

O conceito também é associado a inovação (CRUZ, 2021), pois promove o processo de criação de produtos e está relacionado a criação de novos modelos de negócios (SCHUMPETER, 1971, 1982; MALERBA; MCKELVEY, 2020). Desta forma, a decisão por empreender tem consequências sociais,

que promovem mudanças e melhorias na qualidade de vida (WIKLUND *et al*., 2019). Junto a este pensamento a criatividade, ousadia e o fato de correr riscos, também são características dos indivíduos neste movimento, e que permitem a criação da visão necessária para empreender (FILION, 1990).

As oportunidades que são derivadas do mercado e da forma como os indivíduos se comportam no ambiente (REIS NETO *et al.*, 2013), e a resposta a elas é um incentivo ao empreendedorismo. A intenção de empreender faz com que estas oportunidades sejam analisadas como alternativas para tomada de decisão. Possibilitando que o movimento de empreender permaneça constante e interfira na formação de empreendedores, pois a oportunidade também tem origem no desenvolvimento da ciência e dos fatores sociais, promovidos pelo próprio empreendedorismo (SAMSOM; GURDON, 1993; BACQ, HERTEL; LUMPKIN, 2022).

A intenção de empreender, levando e consideração a possível formação do indivíduo, é a primeira fase de uma decisão de empreender. Essa fase que pode levar um bom espaço de tempo, e tem todo um processo envolvido, é considerada voluntaria e consciente (FILION, 2000; LIÑÁN; CHEN, 2009). A intenção empreendedora é o despertar do processo que apesar de linear não necessita de ordem em suas fases.

No sentido de levar o indivíduo a ter intenção empreendedora, de empreender ou mesmo de formar competências empreendedoras, os cursos de educação superior podem ter potencial para interferir no processo (SALUSSE; ANDREASSI, 2016; RIBEIRO *et al*., 2022). Nesta perspectiva, o ensino de empreendedorismo, ou mesmo o ensino técnico, deveriam provocar a decisão de empreender (ALIEDAN *et al.*, 2022). Porém, isso não significa que tenha ocorrido a aprendizagem necessária para esta decisão, e também não pode ser afirmado que o indivíduo tomou a decisão de empreender apena pelo fato de ter recebido tal ensino. Decisões possuem naturezas distintas, variam de acordo com cada problema e as suas alternativas, assim como a intenção de empreender (NUTT, 2000).

Na expectativa de conhecer a decisão empreendedora, nasce a necessidade de entender qual a motivação do indivíduo em decidir por empreender. Os fatores que levam os indivíduos a empreender. E ainda nesta expectativa é no mínimo curioso conhecer os fatores de decisão que levam ao empreendedorismo as pessoas que procuram graduar-se em cursos de administração. Não raro são os estudos de empreendedorismo que apresentam amostras de alunos universitários (AUTIO *et al.*, 2001; FAYOLLE; GAILLY; LASSAS-CLERC, 2006; FRAGOSO; ROCHA-JUNIOR; XAVIER, 2020; LEIVA *et al.*, 2021), isso pelo fato do ambiente ser propicio para mobilizar as competências do empreender.

A intenção empreendedora

O que antecede um comportamento ou uma ação humana, aqui considerada a decisão de empreender, é a intenção em realizar tal ação ou comportamento (AJZEN, 2002). Logo, quanto maior for a intenção de um indivíduo maior é a possibilidade de realização de tal ação. E demonstra também que a ação foi um ato planejado e consciente, e no caso do empreendedorismo esta ação é entendida como a abertura de um negócio (KRUEGER, 1993; WILSON, KICKUL; MARLINO, 2007).

Esta abordagem de tentar compreender a intenção que levam os indivíduos a empreender já foi explorada e ajuda a compreender o movimento empreendedor (OZARALLI; RIVENBURGH, 2016; BADGHISH *et al.*, 2023). A intenção de empreender tem origem em fatores que circundam o indivíduo, podem ser sociais, econômicos, familiares ou outros que fazem parte do ensino e aprendizagem (TSENG *et al*., 2022). Os diversos fatores que influenciam na intenção empreendedora estão presentes em situações como o tempo e suas limitações, o grau de dificuldade das atividades a serem realizadas pelos empreendedores, a influência de pessoas de convício próximo e tantos outros que podem variar de acordo com o ambiente. Com base nesta compreensão de Ajzen (2002) é que chegamos a primeira hipótese deste trabalho: **Hipótese 1a:** A Idade do aluno impacta positivamente no construto Atitude Pessoal (AC) que forma a Intenção Empreendedora; **Hipótese 1b:** A Idade do aluno impacta positivamente no construto Percepção de controle de comportamento (PC) que forma a Intenção Empreendedora.

Ajzen (2001) reitera que a intenção possui como preditor a atitude, construto da qual é vinculado ao modelo de expectativa de valor, considera a atitude como o resultado de uma avaliação psicológica sobre algum objeto psicológico. As nossas atitudes estáveis seriam, então, baseadas em uma série de crenças acessíveis que acumulamos no decorrer do tempo. As crenças que adquirimos durante a nossa vida podem e são influenciados em grande parte no meio social em que estamos inseridos, a escola principalmente é uma estrutura social que molda as pessoas e suas crenças. Argumentamos que o ensino público oferece menos incentivos para a formação da intenção empreendedora, essa falta de incentivo se reflete nas normas subjetivas, ou seja, naquilo que Ajzen (2001) declara como percepções coletivas compartilhadas dentro de grupos sociais e que sobrepõe as atitudes individuais. Baseado neste pensamento é que chegamos à **Hipótese 2:** A Base escolar do aluno no ensino público impacta negativamente no construto Normas Subjetivas (NS) que forma a Intenção Empreendedora.

Nesse sentido, se o fator contextual e pessoal pode acarretar em mudança nas atitudes, pois esses fatores podem fazer com que certas crenças sejam ativadas e mais facilmente acessíveis e potencialmente alterando as avaliações de julgamento e decisões comportamentais dos indivíduos, como

Ajzen (2001) indica, propomos a Hipótese 3a, de que quanto maior o ano do curso dos respondentes, ou seja, quanto mais avançado o questionado está no curso de administração, também influencia a intenção empreendedora, a partir da sua influência na atitude pessoal, sobrepondo-o. **Hipótese 3a:** O Ano do curso em que o aluno está impacta positivamente nos construtos Atitude Pessoal (AP) que formam a Intenção Empreendedora.

Assim indicamos também a Hipótese 3b, de que o ano do curso também se correlaciona com a intenção empreendedora através da mudança da percepção de controle de comportamento, ou seja, o avanço no curso modifica o controle dos indivíduos sobre o desempenho dos seus comportamentos. **Hipótese 3b:** O Ano do curso em que o aluno está impacta positivamente no construto Percepção de controle de comportamento (PC) que forma a Intenção Empreendedora.

As atitudes servem várias funções, desde à mais essencial de facilitar adaptação ao ambiente até função de valor expressivo, função de conhecimento, função de defesa ao ego, função de ajuste social e função utilitária. De modo geral, as funções das atitudes influenciam extensivamente o processamento de informações dos indivíduos (AJZEN, 1991, 2001, 2002; 2012).

Para que o empreendedor tome a decisão de empreender e que a mesma seja racional e obtenha sucesso, é necessário controlar o comportamento que teve origem na intenção (AJZEN, 2002). O sucesso ou a percepção de sucesso pode influenciar na decisão de empreender e impactar no movimento de empreender esperado por qualquer que seja a entidade (KRUEGER, 1993). Por isso o controle do comportamento, e mais especificamente a percepção deste controle, precisa estar presente em toda tomada de decisão empreendedora (BASTIAN; METCALFE; ZALI, 2019), isso justifica o ensino do empreendedorismo (PELEGRINI; MORAES, 2022), e deve efetivado frente aos fatores que podem levar o indivíduo a empreender, se são positivos ou negativos.

Outros fatores que podem motivar a intenção empreendedora foram estudados por Morales-Gualdrón, Gutiérrez-Gracia, e Dobón (MORALES-GUALDRÓN *et al*., 2009). Estes autores afirmam, depois de uma análise na literatura, que os fatores ainda são escassos, e que isso demanda estudos adicionais. Afirmam ainda que os fatores estão divididos em oito aspectos: fatores pessoais; oportunidade; conhecimento científico; disponibilidade de recursos; organização e estrutura; e por fim ambiente social. **Hipótese 4a:** A Renda do aluno impacta positivamente no construto Atitude Pessoal (AP) que forma a Intenção Empreendedora. **Hipótese 4b:** A Renda do aluno impacta positivamente no construto Normas Subjetivas (NS) que forma a Intenção Empreendedora. **Hipótese 4c:** A Renda do aluno impacta positivamente no construto Percepção de controle de comportamento (PC) que forma a Intenção Empreendedora.

Baseado na teoria levantada por Morales-Gualdrón, Gutiérrez-Gracia, e Dobón (2009) é que sustenta-se a Hipótese 4a, 4b e 4c. A renda significa um poder de consumo e desenvolvimento de ideias que potencializa as ações empreendedoras. Neste sentido surgem as hipóteses de que este fator pode impactar a Atitude Pessoal ou mesmo a Intenção Empreendedora. Uma vez descritas e justificadas as hipóteses que tiveram origem na literatura investigada o método aponta as fazes e características deste estudo.

MÉTODO

A pesquisa é caracterizada pela aplicação de questionário, do tipo survey, cujo instrumento já fora validado por seus autores Liñan e Chen (2009) que tiveram a pretensão de com ele de mensurar a intenção empreendedora de um grupo de indivíduos de dois países, Espanha e Taiwan. A teoria que embasou este trabalho foi a TPB-Teoria do Planejamento do comportamento. O instrumento é composto de cinco blocos de questões, aonde quatro deles são formados com uma escala de concordância de sete pontos, sendo um discordo totalmente e 07 concordo totalmente.

O primeiro bloco, diz respeito as variáveis demográficas, que englobam informações como idade, gênero, série e se estudou em escola pública ou particular. Os três próximos blocos do questionário são marcados pela tentativa de coletar informações sobre as atitudes pessoais, normas subjetivas, e percepção de controle de comportamento. E por fim, o quarto bloco é a variável dependente, com a intenção empreendedora.

O modelo do questionário é reaplicado neste estudo para mensurar a intenção empreendedora em um grupo de alunos de graduação de um curso de administração. O local escolhido foi a Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Cascavel-PR, que conta com 181 alunos nos quatro anos do curso de administração. Foram coletadas 113 respostas e aproveitadas para esta pesquisa 109 questionários.

A pesquisa se caracteriza como sendo descritiva, pois tivemos a pretensão de descrever a associação entre diferentes variáveis presentes no questionário. Caracterizou-se também como uma pesquisa de campo, sendo que a coleta não foi caracterizada por controles rígidos, e o foco foi o sujeito. Com a tentativa de senso, os questionários foram aplicados nas quatro séries do curso, entre os dias 12 e 14 de junho de 2023, sendo todos abordados em sala de aula. Isso caracteriza a pesquisa como sendo transversal, pois todos foram abordados em um mesmo período.

Os dados coletados foram tratados por meio do software smartPLS, com recursos e técnicas estatísticas, caracterizando assim, o estudo como quantitativo. Inicialmente foram tabulados com apoio

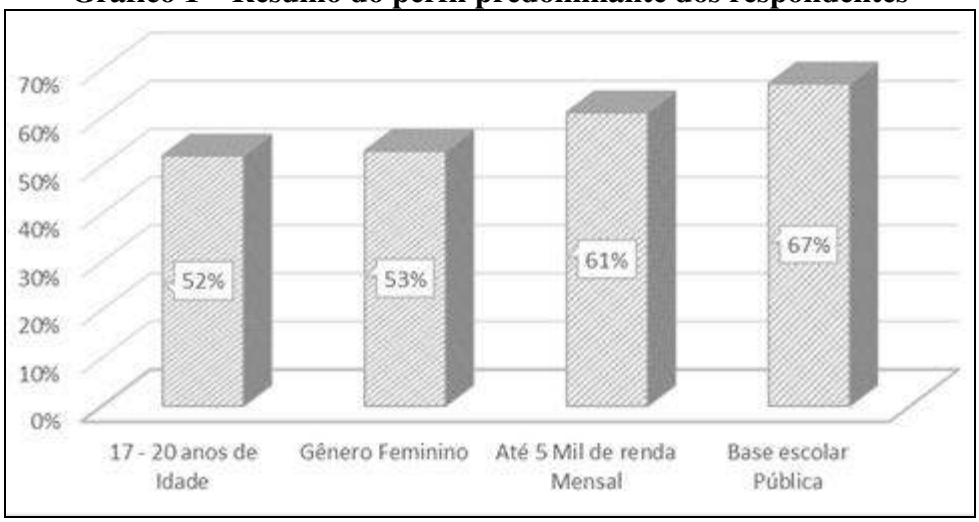
do Excel, sendo posteriormente importados para o software smartPLS para realizar a modelagem de equação estrutural, esta que passou pelos crivos de validação recomendados por Ringle, Silva e Bido (RINGLE; SILVA; BIDO, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil dos respondentes

A pesquisa, atualizada no ano de 2023, foi aplicada em estudantes do curso de graduação em Administração de empresas, investigando a intenção empreendedora deles. Trataremos primeiramente do perfil demográfico desses alunos que responderam ao questionário, contendo idade, renda mensal, gênero e base escolar dos alunos, resumidos no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Resumo do perfil predominante dos respondentes



Fonte: Elaboração própria.

A iniciar pela idade dos alunos, as respostas foram divididas em quatro estratos diferentes, aqueles que possuem de 17 a 20 anos, aqueles que têm 21 a 30 anos, os que estão com 31 a 40 anos e os que estão acima de 40 anos. Nessa amostra, predomina, alunos de 17 a 20 anos com 57 alunos, ou seja, um público que pode ser considerado jovem, seguido de alunos com 21 a 30 anos (43 alunos), 6 alunos com faixa etária de 31 a 40 anos e apenas 3 alunos com mais de 40 anos.

Foram identificados aqueles que possuem a renda mensal de até cinco mil reais, aqueles que vão de 5.001 até dez mil e aqueles que possuem renda mensal acima de dez mil reais. A maioria dos estudantes, 67 dos 109, possuem a renda mensal média de até cinco mil reais, seguido de 35 alunos com renda de 5.001 até dez mil reais e 7 acima de dez mil reais. Também verificamos o gênero dos

respondentes. Há uma relativa igualdade entre os gêneros, sejam eles calouros ou veteranos, não havendo diferenças significativas na distribuição.

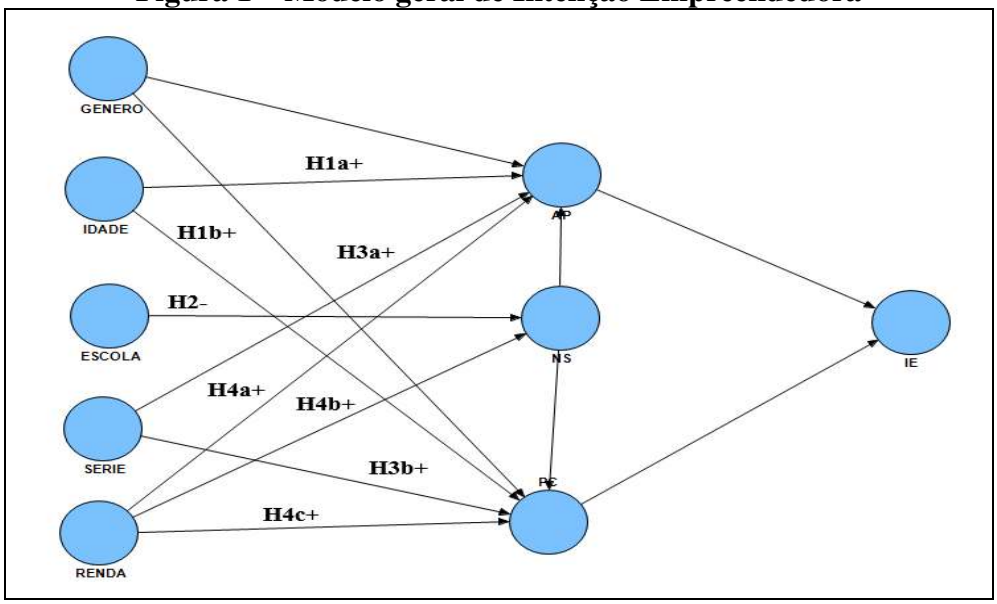
Por fim, perguntamos aos alunos também a sua base escolar, se são provenientes de escolas públicas, particulares ou mistas no seu ensino fundamental e médio. Foi possível observar que a maioria dos alunos vieram de escolas públicas (73 alunos de um total de 109), seguido de 30 alunos que tiveram a educação exclusivamente em escolas particulares e 6 tendo contato com os dois tipos de instituições. Após essas análises demográficas, seguimos para a análise fatorial dos construtos que fazem parte da atitude empreendedora (LIÑÁN; CHEN, 2009).

Análise comparativa das intenções empreendedoras dos alunos

Utilizamos da análise fatorial confirmatória, realizada por meio do SmartPLS para avaliação do modelo de mensuração de Intenção empreendedora dos alunos do curso de administração de empresas. O modelo sugerido e gerado é indicado na Figura 05. Mostramos as variáveis categóricas em teste e relações já validadas no modelo original de Liñán e Chen (LIÑÁN; CHEN, 2009).

Argumentamos que as variáveis categóricas, aqui também chamadas de dicotômicas, da idade do aluno (IDADE), base escolar (ESCOLA), do ano do curso em que o aluno se encontra (SERIE) e renda do aluno (RENDA) influenciam nos construtos da AP, NS e PC conforme explicitado nas hipóteses apontadas no referencial bibliográfico. As hipóteses também estão demonstradas no modelo da Figura 1. Bem como suas relações com os construtos utilizados para a pesquisa.

Figura 1 – Modelo geral de Intenção Empreendedora



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados foram avaliados a partir das indicações do protocolo de Ringle, Silva e Bido (RINGLE *et al*., 2014). Mantendo o rigor metodológico por meio do uso correto das ferramentas. Dessa maneira, ao rodar a análise pelo PLS Algorithm pelo SmartPLS do modelo de mensuração Intenção Empreendedora temos os seguintes dados mostrados na Tabela 1:

Tabela 1 – Visão geral dos critérios de qualidade da análise

	AVE	Composite Reliability	R Square	Cronbachs Alpha	Communality	Redundancy
AP	0,703392	0,921406	0,22647	0,891458	0,703392	0,033347
ESCOLA					1	
GENERO					1	
IDADE					1	
IE	0,84152	0,969522	0,719079	0,961985	0,84152	0,525461
NS	0,728664	0,889425	0,095722	0,813873	0,728664	0,069718
PC	0,726592	0,940873	0,307255	0,924304	0,726592	0,062626
RENDA					1	
SERIE					1	

Fonte: Elaboração própria.

Primeiramente analisamos as validades convergentes (AVE). Nela verificamos todos os quatro construtos (também chamados de variáveis latentes) da intenção empreendedora: Atitude Pessoal (AP), Normas Subjetivas (NS), Percepção de controle de comportamento (PC) e a Intenção Empreendedora (IE). Confirmando assim, que estão acima da referência de 0,50, como mostra a Tabela 1.

O segundo passo foi a verificação da validade discriminante, na qual aplicamos o critério de Fornell e Larcker, comparando as raízes quadradas das AVE de cada construto com as correlações de Pearson entre eles. Como observa-se na Tabela 2, a diagonal principal representa as raízes quadradas das AVE em que elas devem ser maiores que as correlações. É possível verificar que todos os construtos estão de acordo com essa análise da variável discriminante.

Tabela 2 – Primeira análise da validade discriminante pelo critério de Fornell e Larcker

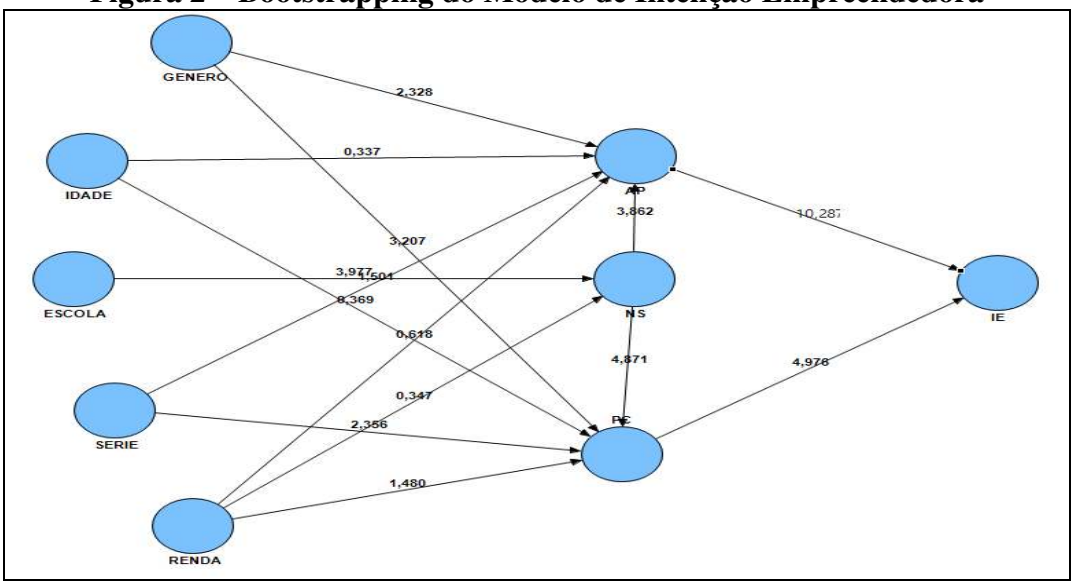
	AP	ESCOLA	GENERO	IDADE	IE	NS	PC	RENDA	SERIE
AP	0,838684684								
Escola	-0,192062	1							
Genero	0,21908	-0,111186	1						
Idade	0,004114	-0,068924	-0,147706	1					
IE	0,811565	-0,222043	0,2548	-0,005376	0,917343992				
NS	0,416398	-0,308889	0,030035	0,108515	0,423018	0,853618182			
PC	0,599643	-0,207087	0,298451	0,042449	0,683393	0,423415	0,85240366		
Renda	-0,105344	0,245641	-0,10017	0,036446	-0,153851	-0,09293	-0,195151	1	
Serie	0,139882	-0,18201	0,048352	0,128959	0,109854	0,091389	0,235181	-0,127271	1

Fonte: Elaboração própria.

Após essa verificação, voltamos à Tabela 1, para mostrar a visão geral dos critérios de qualidade da análise. Nela vemos a confiabilidade do modelo por meio dos alfas de Cronbach das variáveis latentes (que devem ser >0,70) e as suas confiabilidades compostas (que também devem ser >0,70). Nessa análise podemos concluir que as confiabilidades compostas e os alfas de Cronbach das variáveis estão de acordo com o valor referência.

A seguir foi realizado o teste t de Student. Nele avaliamos a significância das correlações e regressões feitas no modelo. Este teste foi feito pelo SmartPLS por meio do Bootstrapping e os resultados são mostrados na Figura 2.

Figura 2 – Bootstrapping do Modelo de Intenção Empreendedora



Fonte: Elaboração própria.

Na análise *t de student*, as relações só são relevantes caso elas possuam valores maiores que 1,96. Desse princípio, vemos que a relação da variável categórica Idade, com valores de 0,337 sobre AP e 0,369 sobre PC não está de acordo. O que faz com que **rejeitemos as hipóteses H1a** e **H1b**, nas quais argumentamos que a idade poderia impactar positivamente nas atitudes pessoais e na percepção de controle de comportamento.

A variável Escola mostrou relação significativa com o construto NS. Por isso **aceitamos a hipótese H2** de que a base escolar dos alunos influência de forma negativa o construto de normas subjetivas. Ou seja, o convívio escolar no ensino fundamental e ensino médio na escola pública atenua a intensidade do construto Normas Subjetivas estimuladores da intenção empreendedora.

Já a relação da variável SERIE com a variável latente AP teve o valor de 1,501, demonstrando que essa relação não é significativa. O que nos leva a entender que há de se **rejeitar a Hipótese H3a**, na qual afirmamos que o ano do curso em que o aluno está impacta positivamente no construto Atitude

Pessoal de empreender. Por outro lado, **aceitamos a Hipótese H3b** de que o ano do curso em que o aluno está, impacta positivamente na percepção de controle de comportamento, visto que obtivemos o valor de 2,356 nessas duas variáveis.

As Hipóteses H2 e H3 foram aceitas, pois a variável renda se provou não significativa para nenhuma das variáveis independentes. Obtemos valor de 0,618 em relação às atitudes pessoais, 0,347 para com normas subjetivas e 1,480 com percepção de controle de comportamento. Este fato faz com que **rejeitemos as Hipóteses H4a, H4b e H4c**, indicando que a renda não possui impacto relevante nesses construtos de intenção empreendedora.

Constatamos também os coeficientes de determinação de Pearson (R^2), em que se avaliam a porção da variância das variáveis endógenas, que é explicada pelo modelo estrutural. Esta avaliação, mostrada na Tabela 1 como coluna R Square, indica que para a área de ciências sociais e comportamentais, R^2=2% é classificado tanto como de efeito pequeno, R^2=13% como de efeito médio e R^2=26% como de efeito grande (RINGLE *et al*., 2014). Assim vemos que o modelo possui R^2 com efeito grande para a variável latente PC (31%) e variável de segunda ordem IE (72%), enquanto tem efeito médio para o construto AP (23%) e efeito fraco para o construto NS (10%).

Ainda devemos analisar o tamanho do efeito (f^2) ou também chamado de indicador de Cohen. Ele avalia quão importante é cada construto para ajuste do modelo. Também é realizada a análise da validade preditiva (Q^2) ou também chamada de indicador de Stone-Geisser, em que se avalia a acurácia do modelo ajustado (RINGLE *et al*., 2014). Para isso, utilizamos a ferramenta de Blindfolding no SmartPLS e os resultados são mostrados na Tabela 3.

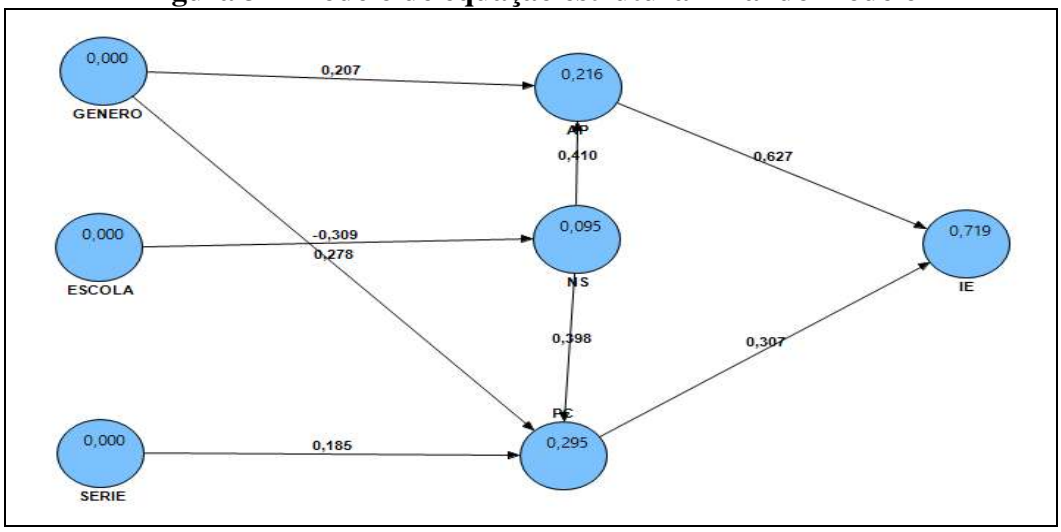
Tabela 3 – Validade preditiva (Q^2) e Tamanho do efeito (f^2)

Variável latente	CV RED (Q^2)	CV COM (f^2)
AP	0,145	0,554
NS	0,069	0,716
PC	0,210	0,713

Fonte: Elaboração própria.

Verificamos na Tabela 3 que os valores da variável preditiva estão todas acima do valor referência de $Q^2 > 0$, demonstrando que o modelo é acurado. Na mesma Tabela também verificamos que os valores do tamanho do efeito (f^2) dos construtos demonstram que todos são considerados de grande importância para o ajuste do modelo, uma vez que os valores referência são valores de 0,02, 0,15 e 0,35 para pequenos, médios e grandes, respectivamente. Por fim, a Figura 3 mostra o modelo final, em que observamos o coeficiente de caminho em que avaliamos as relações causais do modelo.

Figura 3 – Modelo de equação estrutural final do modelo



Fonte: Elaboração própria.

O modelo da Figura 3 é resumido na Tabela 4 para melhorar a visibilidade. Nela interpretamos a partir da teoria, todas as relações propostas neste estudo e os coeficientes de caminho.

Tabela 4 – Coeficiente de caminho

Relações causais	Coeficientes de caminho
GENERO →AP	0,207
GENERO →PC	0,278
ESCOLA →NS	-0,309
SERIE →PC	0,185
NS→AP	0,410
NS→PC	0,398
AP→IE	0,627
PC→IE	0,307

Fonte: Elaboração própria.

Concluímos que esse modelo de equações estruturais indica que o construto Intenção Empreendedora (IE) é de segunda ordem, formado pelas variáveis latentes de Atitude Pessoal e Percepção de Controle de Comportamento. Já estes dois últimos são influenciados pela variável das Normas Subjetivas.

Além disso, o gênero dos alunos impactou tanto na Atitude Pessoal quanto na Percepção de Controle do Comportamento, indicando que o gênero masculino tem mais exacerbadas as suas percepções (SCHUHMACHER; THIEU, 2022), contrariamente ao contexto dos estudos de D'Souza, Clarkin, e Al-Bahrani, (2018) e Yamini, Soloveva, e Peng (2022), que indicaram o gênero feminino como aquele mais influenciado pela aglutinação de fatores motivacionais e comportamento empreendedor percebido (ENTRIALGO; IGLESIAS, 2017). De forma equivalente, a Base Escolar

influencia as Normas Subjetivas, e o Ano em que o aluno se encontra no curso, intensifica a Percepção de Controle de Comportamento.

Destacamos aqui uma visível contribuição do estudo ao apontar que o ano em que o aluno está cursando intensifica sua percepção de controle de comportamento. Segundo a literatura utilizada (AJZEN, 1991, 2002; MORALES-GUALDRÓN *et al*., 2009), este fator pode intensificar ou equilibrar a decisão de empreender.

Essa relação pode ser justificada pelo fato de os alunos cursarem a disciplina de empreendedorismo no último ano do curso, possibilitando maior interesse pelo tema, o desenvolvimento de competências relevantes e úteis de forma contínua a intenção empreendedora (DIEGOLI *et al*., 2018; LV *et al*., 2021; SCHUHMACHER; THIEU, 2022).

A indagação que originou a pesquisa resultou nas informações resumidas na Tabela 5, em que obtivemos aceitação das Hipóteses H2 e H3b. Estas, indicam que o convívio escolar no ensino fundamental e ensino médio na escola pública atenuam a intensidade do construto Normas Subjetivas estimuladores da intenção empreendedora. Também se comprova, que o ano do curso em que o aluno está situado impacta positivamente no construto Percepção de Controle de Comportamento de empreender, respectivamente. No entanto, houve rejeição das outras hipóteses, demostrando que a Idade e Renda não possuem impacto significativo nas variáveis constituintes da intenção empreendedora.

Tabela 5 – Resumo dos resultados das hipóteses

Hipóteses	Relação	Resultado
H1a	Idade e AP	Rejeitado
H1b	Idade e PC	Rejeitado
H2	Escola e NS	Aceito
H3a	Serie e AP	Rejeitado
H3b	Serie e PC	Aceito
H4a	Renda e AP	Rejeitado
H4b	Renda e NS	Rejeitado
B4c	Renda e PC	Rejeitado

Fonte: Elaboração própria.

A base escolar e série do aluno no curso de administração então, são fatores externos que impactam nos construtos da norma subjetiva e percepção de controle de comportamento respectivamente. Estes construtos são formadores da intenção empreendedora, de acordo com o modelo de intenção empreendedora intercultural proposto por Liñán e Chen (2009). Quando trabalhados de forma social, podem ser utilizados como indicadores para promover o empreendedorismo e estimular por meio deste o desenvolvimento regional.

CONCLUSÕES

A pesquisa possibilitou discutir e avançar nos conhecimentos científicos acerca do empreendedorismo. Mais especificamente, responder à questão chave que foi analisar em que medida os fatores externos impactam na intenção empreendedora que levam os indivíduos a tomar a decisão de empreender.

Para chegar a esse resultado aplicamos a escala de intenção empreendedora, juntamente com as variáveis de controle dos fatores externos base escolar e serie do aluno no curso de administração. O estudo foi realizado com 109 alunos de graduação do curso de administração. Dados coletados que foram posteriormente tratados por meio de modelagem de equação estrutural, no smartPLS, para confirmar a validade do modelo e mostrar a significância desses fatores externos.

As limitações desta pesquisa estão manifestas na quantidade de alunos que responderam os questionários. Para que tenha maior efeito e precisão nas análises, indicamos que futuros estudos cumpram com a pretensão do censo. Isso pode ser alcançado com um tempo maior para a aplicação dos questionários, efetuando a aplicação do questionário a todos os alunos do curso.

Outra limitação pertinente ao tema neste estudo, foi quanto a restrição do objeto de pesquisa. Para pesquisas futuras, recomenda-se que a amostra seja constituída de alunos de várias instituições sincronicamente. Podendo ser estendida também a outros cursos de graduação, possibilitando assim a construção de outras hipóteses que circundem a potencialização da intenção empreendedora.

Como contribuição para a prática, esclareceu-se que o ensino do empreendedorismo e as ações práticas derivadas do aprendizado empreendedor parecem estar positivamente relacionadas com o desenvolvimento de competências empreendedoras e que as intenções empreendedoras.

Houve contribuição para a literatura pela Teoria do Planejamento do Comportamento de Ajzen (1991, 2002), enfatizando os fatores que podem influenciar na decisão dos pesquisados, além de fatores motivacionais que interferem na intenção empreendedora (MORALES-GUALDRÓN *et al*., 2009). A pesquisa contribui também com o estudo da aplicação do tema empreendedorismo, permitindo a exploração de novas estratégias para o desenvolvimento desta atividade como um fator de impacto econômico e social.

Como sugestão de pesquisa futura, enfatiza-se a necessidade de uma melhor compreensão do papel do gênero dos alunos e de que forma os estereótipos de gênero, nos diversos contextos institucionais como a cultura, religião, aspectos políticos e econômicos, poderiam influenciar as motivações e intenções empreendedoras destes atores.

REFERÊNCIAS

AJZEN, I. "The Theory of Planned Behavior Organizational behavior and human decision processes". **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, vol. 50, n. 2, 1991.

AJZEN, I. "Nature and Operation of Attitudes". **Annual Review of Psychology**, vol. 52, n. 1, 2001.

AJZEN, I. "Perceived behavioral control, self-efficacy, locus of control, and the theory of planned behavior". **Journal Of Applied Social Psychology**, vol. 32, n. 4, 2002.

AJZEN, I. "The theory of planned behavior". *In*: VAN LANGE, P. A. *et al*. (eds.). **Handbook of theories of social psychology**. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2012.

AJZEN, I. "Perceived behavioral control, self-efficacy, locus of control, and the theory of planned behavior". **Journal of Applied Social Psychology**, vol. 80, n. 6, 2022.

ALIEDAN, M. M. *et al*. "Influences of university education support on entrepreneurship orientation and entrepreneurship intention: Application of Theory of Planned Behavior". **Sustainability**, vol. 14, n. 20, 2022.

APARICIO, S. *et al*. "Can female entrepreneurs boost social mobility in developing countries? An institutional analysis". **Technological Forecasting and Social Change**, vol. 175, 2022.

AUTIO, E. *et al*. "Entrepreneurial intent among students in scandinavia and in the USA". **Enterprise and Innovation Management Studies**, vol. 2, n. 2, 2001.

BACQ, S.; HERTEL, C.; LUMPKIN, G. T. "Communities at the nexus of entrepreneurship and societal impact: A cross-disciplinary literature review". **Journal of Business Venturing**, vol. 37, n. 5, 2022.

BADGHISH, S. *et al*. "How socio-cultural transition helps to improve entrepreneurial intentions among women?". **Journal of Intellectual Capital**, vol. 24, n. 4, 2023.

BASTIAN, B. L.; METCALFE, B. D.; ZALI, M. R. "Gender inequality: Entrepreneurship development in the MENA region". **Sustainability**, vol. 11, n. 22, 2019.

BERNARDUS, D. *et al*. "Which psychological characteristics strengthen 'The entrepreneurial intention-action relationship'?: An extension of the theory of planned behavior". **Cogent Business and Management**, vol. 7, n. 1, 2020.

BIRCHLER, E. A.; TEIXEIRA, A. "A Intenção Empreendedora de Estudantes e os fatores que a influenciam". **Revista de Negócios**, vol. 22, n. 2, 2018.

BLACKBURN, R. "Book review of unmasking the entrepreneur by Campbell Jones, C. & Spicer, A". **Management Learning**, vol. 42, n. 1, 2011.

BRUYAT, C.; JULIEN, P. A. "Defining the field of research in entrepreneurship". **Journal of Business Venturing**, vol. 16, n. 2, 2000.

CRUZ, C. M. B. "Potencial de empreendedorismo inovador no Brasil: um mapeamento da produção científica (2005 - 2020). **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 6, n. 18, 2021

CUI, J.; BELL, R. “Behavioural entrepreneurial mindset: How entrepreneurial education activity impacts entrepreneurial intention and behaviour”. **The International Journal of Management Education**, vol. 20, n. 2, 2022.

DIEGOLI, R. B. *et al*. “Teachers as entrepreneurial role models: The impact of a teacher’s entrepreneurial experience and student learning styles in entrepreneurial intentions”. **Journal of Entrepreneurship Education**, vol. 21, n. 1, 2018.

DIMOV, V. “The distinct domain of (design science of) entrepreneurship”. **Journal of Business Venturing Design**, vol. 1, n. 1, 2021.

DING, T. “Understanding the design of opportunities: Re-evaluatingthe agent-opportunity nexus through a design lens”. **Journal of BusinessVenturing Insights**. vol. 11, 2019.

D’SOUZA, R. R.; CLARKIN, J. E.; AL-BAHRANI, A. “Starting early: The impact of experience based education on entrepreneurial intentions of high school students”. **Journal of Higher Education Theory and Practice**, vol. 18, n. 4, 2018.

ENTRIALGO, M.; IGLESIAS, V. “The moderating role of entrepreneurship education on the antecedents of entrepreneurial intention”. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 12, n. 4, 2016.

ENTRIALGO, M.; IGLESIAS, V. “Are the intentions to entrepreneurship of men and women shaped differently? The impact of entrepreneurial role-model exposure an entrepreneurship education”. **Entrepreneurship Research Journal**, vol. 8, n. 1, 2017.

FAYOLLE, A.; GAILLY, B.; LASSAS-CLERC, N. “Assessing the impact of entrepreneurship education programmes: a new methodology”. **Journal of European Industrial Training**, vol. 30. n. 9, 2006.

FERREIRA, M. A. S. P. V. *et al*. “Pesquisa em empreendedorismo no principal periódico internacional: Um estudo bibliométrico das publicações no Journal of Business Venturing entre 1987 e 2010”. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, vol. 3, n. 1, 2013.

FILION, L. J. “Vision and relations: elements for an entrepreneurial metamodel”. In Frontiers of entrepreneurship research 1990”. **International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship**, vol. 9, n. 2, 1990.

FILION, L. J. “Empreendedorismo e gerenciamento: processos distintos, porém complementares”. **Revista de Administraçao de Empresas**, vol. 7, n. 3, 2000.

FRAGOSO, R.; ROCHA-JUNIOR, W.; XAVIER, A. “Determinant factors of entrepreneurial intention among university students in Brazil and Portugal”. **Journal of Small Business and Entrepreneurship**, vol. 32, n. 1, 2020.

GE, T. *et al*. “Women’s entrepreneurial contribution to family income: innovative technologies promote females’ entrepreneurship amid COVID-19 crisis”. **Frontiers in Psychology**, vol. 13, 2022.

HALIZAH, S. N. “Development Entrepreneurship Intention as an Effort to Improve the Level of the Consumer Household Economy”. **Bulletin of Science, Technology and Society**, vol. 1, n. 1, 2022.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Entrepreneurship**. New York: McGraw-Hill, 2017.

HJORTH, D.; STEYAERT, C. **Narrative and discursive approaches in entrepreneurship**: A second movements in entrepreneurship book. Cheltenham: Edward Elgar, 2004.

KRUEGER, N. "The Impact of Prior Entrepreneurial Exposure on Perceptions of New Venture Feasibility and Desirability". **Entrepreneurship Theory and Practice**, vol. 18, n. 1, 1993.

KRUEGER, N. F.; REILLY, M. D.; CARSRUD, A. L. "Competing models of entrepreneurial intentions". **Journal of Business Venturing**, vol. 15, n. 5, 2000.

KRÜGER, C.; BÜRGER, R. E.; MINELLO, I. F. "O papel moderador da educação empreendedora diante da intenção empreendedora". **Revista Economia e Gestão**, vol. 19, n. 52, 2019.

LANDSTRÖM, H.; HARIRCHI, G. "The social structure of entrepreneurship as a scientific field". **Research Policy**, vol. 47, n. 3, 2018.

LEIVA, J. C. *et al*. "Entrepreneurial intention among Latin American university students". **Academia Revista Latinoamericana de Administración**, vol. 34, n. 3, 2021.

LIAO, Y. K.; NGUYEN, V. H. A.; CAPUTO, A. "Unveiling the role of entrepreneurial knowledge and cognition as antecedents of entrepreneurial intention: a meta-analytic study". **International Entrepreneurship and Management Journal**, vol. 18, 2022.

LIÑÁN, F.; CHEN, Y. "Development and Cross-Cultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions". **Entrepreneurship Theory and Practice**, vol. 33, n. 3, 2009.

LIÑÁN, F.; RODRÍGUEZ-COHARD, J. C.; RUEDA-CANTUCHE, J. M. "Factors affecting entrepreneurial intention levels: a role for education". **International Entrepreneurship and Management Journal**, vol. 7, 2011.

LV, Y. *et al*. "How Entrepreneurship Education at Universities Influences Entrepreneurial Intention: Mediating Effect Based on Entrepreneurial Competence". **Frontiers in Psychology**, vol. 12, 2021.

MALERBA, F.; MCKELVEY, M. "Knowledge-intensive innovative entrepreneurship integrating Schumpeter, evolutionary economics, and innovation systems". **Small Business Economics**, vol. 54, 2020.

MARDIKANINGSIH, R. "Reinforcement of Students' Entrepreneurial Intentions through Soft Skills and Hard Skills Empowerment". **Bulletin of Science, Technology and Society**, vol. 1, n. 3, 2022.

MIRANDA, F. J. *et al*. "Academic entrepreneurship in Spanish universities: An analysis of the determinants of entrepreneurial intention". **European Research on Management and Business Economics**, vol. 23, n. 2, 2017.

MORAES, G. H. S. M.; IIZUKA, E. S.; PEDRO, M. "Effects of Entrepreneurial Characteristics and University Environment on Entrepreneurial Intention". **Revista de Administração Contemporânea**, vol. 22, n. 2, 2018.

MORALES-GUALDRÓN, S. T.; GUTIÉRREZ-GRACIA, A.; DOBÓN, S. R. "The entrepreneurial motivation in academia: A multidimensional construct". **International Entrepreneurship and Management Journal**, vol. 5, n. 3, 2009.

NDABENI, L. L. "The contribution of business incubators and technology stations to small enterprise development in South Africa". **Development Southern Africa**, vol. 25, n. 3, 2008.

NUTT, P. C. "A taxonomy of strategic decisions and tactics for uncovering alternatives". **European Journal of Operational Research**, vol. 132, 2000.

OZARALLI, N.; RIVENBURGH, N. K. "Entrepreneurial intention: antecedents to entrepreneurial behavior in the U.S.A. and Turkey". **Journal of Global Entrepreneurship Research**, vol. 6, n. 3, 2016.

PAIVA, L. E. B. *et al*. "Influence of sustainability and innovation on the entrepreneurial intention of Brazilian and Portuguese university students". **Cadernos EBAPE.BR**, vol. 16; n. 4, 2018.

PELEGRINI, G. C.; MORAES, G. H. S. M. D. "Does gender matter? A university ecosystem, self-efficacy and entrepreneurial intention analysis in Brazilian universities". **Gender in Management: An International Journal**, vol. 37, n. 2, 2022.

PINCHOT III, G. **Intrapreneuring**: Why you don't have to leave the corporation to become an entrepreneur. London: Kindle Edition, 1985.

RAE, D. "Entrepreneurial learning: a practical model from the creative industries". **Education + Training**, vol. 46, n. 8, 1997.

REIS NETO, J. F. *et al*. "O papel da orientação empreendedora no relacionamento entre orientação para o mercado e desempenho empresarial: evidências das pequenas empresas do comércio". **Revista Eletrônica de Administração**, vol. 74, 2013.

RIBEIRO, A. T. V. B. *et al*. "Ensino de empreendedorismo: Um estudo sobre boas práticas e antecedentes de professores brasileiros". **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, vol. 11, n. 3, 2022.

RINGLE, C. M. *et al*. "Modelagem de Equações Estruturais com Utilização do Smartpls". **Revista Brasileira de Marketing**, vol. 13, n. 2, 2014.

ROCHA, A. K. L. *et al*. "Análise comparativa de modelos de intenção empreendedora: Autoeficácia versus características empreendedoras". **Revista de Administração Mackenzie**, vol. 24, 2023.

SALUSSE, M. A. Y.; ANDREASSI, T. "O ensino de empreendedorismo com fundamento na teoria effectuation". **Revista de Administração Contemporânea**, vol. 20, n. 3, 2016.

SAMSOM, K.; GURDON, I. "University scientists as entrepreneurs: a special case of technology transfer and high-tech venturing". **Technovation**, vol. 13, n. 2, 1993.

SCHUMPETER, J. A. **The theory of economic development**: An inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle. New York: Transaction Publishers, 1934.

SCHUMPETER, J. A. "The fundamental phenomenon of economic development". *In*: KILBY, P. (ed.). **Entrepreneurship and economic development**. New York: The Free Press, 1971.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: Uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Editora Cultura, 1982.

SENHORAS, E. M. **Empreendedorismo**: agendas temáticas. Boa Vista: Editora IOLE, 2022.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. "The promise of entrepreneurship as a field of research". **Academy of Management Review**, vol. 25, n. 1, 2000.

SCHUHMACHER, M. C.; THIEU, H. T. "The role of students, educators, and educational institutes in entrepreneurship education: A systematic literature review and directions for future research". **Entrepreneurship Education and Pedagogy**, vol. 5, n. 3, 2022.

TIMMONS, J. A. **New venture creation**: Entrepreneurship for the 21st century. Boston: McGraw-Hill, 1990.

TSENG, T. H. *et al*. "Relationships between locus of control, theory of planned behavior, and cyber entrepreneurial intention: The moderating role of cyber entrepreneurship education". **The International Journal of Management Education**, vol. 20, n. 3, 2022.

VALENCIA-ARIAS, A.; ARANGO-BOTERO, D.; SÁNCHEZ-TORRES, J. A. "Promoting entrepreneurship based on university students' perceptions of entrepreneurial attitude, university environment, entrepreneurial culture and entrepreneurial training". **Higher Education, Skills and Work-Based Learning**, vol. 12, n. 2, 2022.

VASCONCELOS, T. B.; OLIVEIRA MOTTA, V. M. **Elementos de mensuração de empreendedorismo social em nível individual**: a proposição de um framework (Dissertação de Mestrado em Administração). Campina Grande: UFCG, 2022.

WIKLUND, J. *et al*. "Entrepreneurship and well-being: Past, present, and future". **Journal of business Venturing**, vol. 34, n. 4, 2022.

WILSON, F.; KICKUL, J.; MARLINO, D. "Gender, entrepreneurial self-efficacy, and entrepreneurial career intentions: Implications for entrepreneurship education". **Entrepreneurship Theory and Practice**, vol. 31. n. 3, 2007.

YAMINI, R.; SOLOVEVA, D.; PENG, X. "What inspires social entrepreneurship? The role of prosocial motivation, intrinsic motivation, and gender in forming social entrepreneurial intention". **Entrepreneurship Research Journal**, vol. 12, n. 2, 2022.

YOUSSEF, A. B. *et al*. "Digitalization of the economy and entrepreneurship intention". **Technological Forecasting and Social Change**, vol. 164, 2021.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VI | Volume 17 | Nº 49| Boa Vista |2024

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima